

Análise aproximativa sobre a heterogeneidade dos apoiadores de Bolsonaro e considerações sobre uma “identidade bolsonarista”

Approximative analysis on the heterogeneity of Bolsonaro supporters and considerations on a “bolsonarist identity”

João Eduardo Torrecillas Sartori¹

Resumo

Ainda em meio às campanhas eleitorais de 2018, se construíram midiaticamente estereótipos sobre apoiadores de Bolsonaro, correspondentes à consideração desses como indivíduos os quais reverberariam elementos ditos “de direita” e “de extrema-direita” identificados na retórica do então candidato. Mas, antes mesmo da vitória eleitoral daquele, alguns estudos nacionais indicaram divergências importantes entre seus apoiadores em assuntos nos quais, comumente, se acreditaria existir ampla convergência. Em 2020, novamente, se indicaram divergências em estudos. Esses estudos não tinham sido até então organizados e comparados entre si de modo que se extraíssem conclusões mais abrangentes acerca da *heterogeneidade* dos apoiadores. Neste artigo, se intencionou uma análise aproximativa sobre essa *heterogeneidade* entre 2018 e 2020; isto é, a discussão acerca das divergências internas àquele setor, ainda que não as dimensionando; e, secundariamente, se aventaram elementos necessários a uma discussão sobre o estatuto de existência de uma “identidade bolsonarista”. Por meio da revisão crítica daqueles estudos a respeito dos apoiadores, se asseverou a inconsistência da concepção do apoiador de Bolsonaro como uma caricatura desse último, não somente em meio às campanhas, mas também em 2020. Entretanto, em alguns aspectos, existiria uma tendência entre apoiadores à adesão à retórica de Bolsonaro.

Palavras-chave: Bolsonaro; Bolsonarismo; Bolsonarista; Extrema-direita; Autoritarismo.

Abstract

During the 2018 electoral campaigns, stereotypes about Bolsonaro’s supporters were developed in the media. That stereotypes corresponded to the consideration of these supporters as individuals who reverberated elements called “right” or “extreme right” that were identified in the rhetoric of Bolsonaro. But, even before his electoral victory, some national studies indicated important divergences among his supporters in matters on which, commonly, it was believed that there was wide convergence. In 2020, again, divergences were indicated in studies. These studies had not until then been organized and compared with each other in order to draw more comprehensive conclusions about the *heterogeneity* of supporters. In this article, it was intended an approximate analysis of this *heterogeneity* between 2018 and 2020; that is, a discussion of internal divergences to that sector, even if not dimensioning

¹ Psicanalista. Doutorando em Ciência Política na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil. Doutorando em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: joao.sartori@hotmail.com.br

them; secondarily, elements necessary for a discussion on the existence of a “bolsonarist identity” were indicated. Through the review of those studies on supporters, the inconsistency of the conception of a Bolsonaro’s supporter as a caricature of Bolsonaro was confirmed, not only in the midst of the campaigns, but also in 2020. However, in some aspects, there would be a trend among supporters to adhere to Bolsonaro’s rhetoric.

Keywords: Bolsonaro; Bolsonarism; Bolsonarist; Far-right; Authoritarianism.

Introdução

No 2º turno das eleições presidenciais brasileiras de 2018, Jair Bolsonaro, capitão reformado do exército, então candidato pelo PSL, obteve 55,13% dos votos válidos, assim tendo vencido Fernando Haddad (PT) (BRASIL, 2018). Bolsonaro atuou de modo quase inexpressivo como deputado federal de 1991 a 2018 e, alguns anos antes de sua eleição, era ainda amplamente desconhecido em nível nacional. Contudo, nos últimos anos, essa situação se alterou gradativamente; devido, entre outros eventos, a algumas de suas declarações públicas, mediante as quais Bolsonaro veio a ser considerado na imprensa como um indivíduo radical, contrário aos direitos humanos e discriminatório de certos grupos historicamente oprimidos². (BOLSONARO..., 2018a). Nesse contexto, em meio às campanhas eleitorais de 2018, até mesmo internacionalmente, Bolsonaro veio a ser entendido como um candidato com retórica de extrema-direita (FAR-RIGHT..., 2018). Mas a análise de sua retórica – conforme se sustentará a seguir³ – indicaria sua constituição tanto de elementos academicamente remetidos à “extrema-direita”, como de outros, ditos meramente “de direita”.

Também em meio às mencionadas campanhas eleitorais, se construíram midiaticamente estereótipos sobre os apoiadores de Bolsonaro – correspondentes à consideração destes como indivíduos os quais reverberariam aqueles elementos,

identificados na retórica do então candidato. No entanto, antes mesmo da vitória eleitoral daquele, alguns estudos nacionais apontaram divergências importantes entre seus apoiadores em assuntos nos quais, comumente, se acreditaria existir ampla convergência. Assim, algumas das estereótipos acerca desses apoiadores vieram a ser contrariadas pelos estudos de autoras tais como Kalil (2018) e Solano (2018). Já em 2020, novamente, se indicaram divergências em estudos sobre os apoiadores, tais como as pesquisas de opinião do Instituto Travessia (RYDLEWSKI, 2020) e do Datafolha (2020). Portanto, a heterogeneidade interna deste setor não se restringiria ao momento do 2º turno de 2018.

Porém, os estudos antes mencionados, os quais evidenciaram as divergências internas do setor constituído pelos apoiadores de Bolsonaro, até então não tinham sido organizados, comparados e articulados entre si de modo que se extraíssem deles conclusões mais abrangentes acerca de tais divergências. Nesse contexto, o objetivo deste artigo consistiu em uma análise aproximativa sobre esta heterogeneidade, entre 2018 e 2020; isto é, uma análise mediante a qual se constatem as divergências internas daquele setor, ainda que não as dimensionando – nem se estimando os níveis de coesão dos seus subsetores. Por meio da análise crítica de estudos acerca dos ditos “bolsonaristas”, se demonstraram as inconsistências de alguns dos estereótipos construídos discursivamente acerca dos apoiadores de Bolsonaro. Secundariamente, de

² Nesse contexto, Bittencourt (2020) escreveu: “Em fevereiro de 2014, o jornal *El País* Brasil publicou dois artigos jornalísticos sobre Jair Messias Bolsonaro, na época deputado federal. Nos dois textos, alertava-se sobre a homofobia, o radicalismo e o ataque aos direitos humanos como marcas notórias do discurso do deputado. Desde então, ficou evidente o posicionamento adotado com relação ao candidato. [...]. Ainda em 2013, Bolsonaro decidiu iniciar a construção de sua candidatura à presidência.”

³ Nesta seção introdutória, se apresentou de modo conciso a *problemática de pesquisa* a qual neste trabalho se objetivou elaborar, assim como a justificativa deste último. As referências são citadas no corpo do texto nas seções seguintes.

modo indireto, se aventaram elementos necessários a uma discussão acerca do estatuto de existência de uma “identidade bolsonarista”.

Para tanto, o artigo se separou em seções numeradas. Na seção seguinte, constam algumas considerações preliminares, mediante as quais se apontaram os elementos constitutivos da retórica de Jair Bolsonaro – elementos que supostamente estariam implicados na identificação de alguns de seus apoiadores com ele –; e se indicou de modo introdutório a inconsistência de certas estereotipações destes apoiadores. Já na terceira seção, na qual se inserem notas metodológicas, se evidenciaram concepções importantes ao desenvolvimento deste artigo e se descreveu o modo como se selecionaram e se categorizaram os estudos nele analisados. Na quarta seção, a qual contém os resultados e a discussão, os estudos selecionados vieram a ser caracterizados de acordo com os objetivos deste artigo, sendo discutida a contrariedade, dos resultados dos estudos, às estereotipias acerca dos apoiadores de Bolsonaro. Paralelamente à discussão destes resultados, se examinaram os avanços ocasionados pelo desenvolvimento daqueles estudos, assim como suas limitações e outras de suas nuances. Finalmente, na quinta seção, se incluíram as considerações finais, além de sugestões e orientações a autores de trabalhos ainda não realizados, mas os quais avançariam na análise do suposto “bolsonarismo” – e de seus integrantes, midiaticamente denominados “bolsonaristas”.

Considerações preliminares

A retórica de Jair Bolsonaro: apontamentos sobre os seus elementos constitutivos

Autores de diversos campos de conhecimento – da psicologia social à ciência política – têm investigado sobre uma recente ascensão internacional de movimentos ditos “de extrema-direita”,

“autoritários”, “reacionários” e “anti-institucionais”. De outro lado, aproximadamente um ano antes da eleição de Bolsonaro à Presidência da República, autores tais como Messenberg (2017, p. 636) já o tinham considerado como um dos representantes da extrema-direita nacional. Nesse sentido, a eleição daquele estaria associada com um contexto menos regional. Embora amplamente desconhecido no cenário brasileiro durante os anos nos quais cumpria mandato de deputado federal (1991-2018), Bolsonaro era ocasionalmente evidenciado na imprensa em situações nas quais ofendia alguém entendido como contrário à sua cosmovisão⁴ – esta última, assim como a sua retórica, sendo remetida em alguns aspectos à extrema-direita.

Entre os elementos discursivos recorrentemente articulados em declarações públicas de Bolsonaro nos últimos anos, constaram aqueles concebidos de forma midiática como: autoritários (FELÍCIO, 2020); anti-institucionais (antidemocráticos, *anti-establishment*) (PODER 360, 2018); armamentistas (IGLESIAS; FAGUNDES, 2019); reacionários (ZANINI, 2019); anticomunistas (e, considerado o caso brasileiro, antiesquerdistas e antipetistas) (PINA, 2018); militaristas (GOSMAN, 2018); e nacionalistas – mesmo aquele não tendo utilizado, em sua autoidentificação, cada um dos mencionados termos. Além disso, mais especificamente, muitos o consideraram como homofóbico (SOU..., 2018), racista (VEJA..., 2020), misógino (ROSSI, 2020) e subserviente aos Estados Unidos da América (EUA). Mesmo existindo diferenças – e até incompatibilidades – entre certos conceitos de extrema-direita, cada um dos elementos antes mencionados tem sido atribuído à retórica da extrema-direita brasileira (LOWY, 2015).

Porém, seria reducionista qualquer concepção da retórica de Bolsonaro como exclusivamente constituída pelos mencionados elementos, ditos “de extrema-direita”. Esta retórica conteve também elementos os quais, embora não considerados

⁴ Por exemplo, na ofensa de Bolsonaro à deputada federal Maria do Rosário (PT-RS). Para a compreensão do contexto, acessar artigo de Campos (2009).

como necessariamente constitutivos da extrema-direita, seriam comumente observados no campo das direitas brasileiras, sobretudo desde 2013 – ano no qual, ineditamente desde o início da Nova República, a autoidentificação aberta de movimentos de massa como “de direita” veio a ser comum (TATAGIBA; TRINDADE; TEIXEIRA, 2015). Justamente nesse sentido, Bolsonaro se declarou como moralmente conservador, cristão (OTAVIO, 2020), economicamente liberal (GIELOW, 2018) e contrário à corrupção e à criminalidade.

Adicionalmente, embora Bolsonaro tenha negado se situar à “extrema-direita” em sua campanha eleitoral, já se apresentava cerca de um ano antes como “a alternativa à direita” no *blog* denominado “A família Bolsonaro” (MESSEMBERG, 2017)⁵. Obviamente, a autoidentificação ideológica de um indivíduo (por exemplo, um candidato) não corresponde necessariamente à sua caracterização ideológica por um analista (ou acadêmico). Inclusive, em certos casos, integraria a estratégia de um candidato uma alteração do campo ideológico no qual este declararia se situar. Por exemplo, com o intuito de se conformar às supostas exigências do cenário eleitoral nos anos subsequentes à redemocratização, candidatos notoriamente situados no campo das direitas se declaravam como “de centro” (KAYSEL, 2015). A autoidentificação de um indivíduo, partido ou movimento como “de direita” era comumente evitada no Brasil nos anos seguintes ao término da ditadura militar (TATAGIBA; TRINDADE; TEIXEIRA, 2015). Assim, se entenderia a decisão de Bolsonaro de se declarar como não situado à “extrema-direita” (BOLSONARO..., 2018b), ainda que muitos dos elementos constitutivos de sua retórica tenham sido amplamente remetidos àquela.

Anteriormente, não se apontaram cada um dos elementos constitutivos da retórica de Jair Bolsonaro; mas, sim, aqueles mais recorrentemente ressaltados nos meios de comunicação. Alguns destes elementos têm sido atribuídos a correntes ditas “de direita”, mas não entendidas como “extremas”. Já outros, de modo mais específico, têm sido atribuídos às denominadas “extremas-direitas brasileiras”. Portanto, a mencionada retórica veio a ser situada à direita do espectro ideológico⁶ – mesmo existindo, academicamente, divergências relevantes em relação à sua caracterização. Por outro lado, naquilo que se refere aos objetivos deste artigo – conforme se evidenciará a seguir –, o apontamento dos elementos constitutivos daquela retórica é tão importante quanto a sua caracterização ideológica aproximada. Embora este apontamento não tenha de modo algum constituído uma análise exaustiva daquela retórica, viabiliza uma discussão – esta sim, central neste artigo – sobre o estatuto de consistência de certas estereotipações dos apoiadores de Bolsonaro. Na sequência, esta discussão veio a ser iniciada, sendo indicadas de modo introdutório algumas evidências da sua inconsistência.

A estereotipação dos apoiadores de Bolsonaro: evidências iniciais de sua inconsistência

A vitória eleitoral de Bolsonaro contribuiu expressivamente ao aumento da validação simbólica, no cenário brasileiro, de uma série de atributos (demandas, atitudes, valores e ideais) concebidos como constitutivos da *extrema-direita*. Muitos dos atributos simbolicamente validados com a sua eleição teriam sido até então, desde a denominada *redemocratização*, coletivamente abjetados,

⁵ Messenberg (2017, p. 632) escreveu: “Em virtude de seu grande carisma frente ao eleitorado, Bolsonaro conseguiu eleger seus três filhos do primeiro casamento para mandatos parlamentares: Carlos Bolsonaro (vereador do Rio de Janeiro pelo PSC), Flávio Bolsonaro (deputado estadual do Rio de Janeiro pelo PSC) e Eduardo Bolsonaro (deputado federal de São Paulo pelo PSC). Juntos escrevem um *blog* denominado “A família Bolsonaro”, no qual divulgam suas atividades parlamentares, criticam diretamente os partidos e políticos de esquerda, além de se apresentarem como a alternativa da direita para dar ‘um novo rumo para o Brasil’.”

⁶ Espectro do qual “as direitas” e “as esquerdas” são os dois campos constitutivos antagônicos.

considerados como imorais. Além disso, a mencionada vitória se relacionou com o estabelecimento – ou com a reiteração – do apoio de certos movimentos ditos “de extrema-direita” a Bolsonaro. Por exemplo, após decretada a quarentena – em meio à pandemia de Covid-19 –, grupos tais como o “300” (liderado pela ativista Sara Winter) iam às ruas alegando apoio ao presidente (chamado de “mito” pelos integrantes do grupo), enquanto atacavam verbalmente o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Congresso Nacional (MÕES, 2020).

Nesse contexto, autores tais como Safatle (2020) conceberam o denominado “bolsonarismo” como um dos representantes dos movimentos de extrema-direita no Brasil; e estimaram a sua amplitude, ao menos em meados de 2020, como de cerca de 30% do eleitorado. O ruído de certos integrantes deste suposto movimento se relacionou com a construção discursiva, em alguns setores sociais e nos meios de comunicação, de estereótipos sobre os apoiadores de Bolsonaro; isto é, de certas generalizações – e, inclusive, essencializações – acerca deles. Então, elementos recorrentemente atribuídos à retórica de extrema-direita, assim como outros, comumente observados nas direitas brasileiras, têm sido concebidos como necessariamente constitutivos de seu apoiador.

Contudo, conforme se evidenciou na seção anterior, *estudos* nacionais divulgados ainda em 2018, tais como os de Kalil (2018) e de Solano (2018), atestaram divergências importantes entre indivíduos midiaticamente denominados “bolsonaristas”. Sobretudo, em aspectos relevantes, a respeito dos quais muito comumente se acreditaria existir ampla convergência entre aqueles. Outros, divulgados em meados de 2020, tais como pesquisas pós-eleitorais do Datafolha e do Instituto Travessia, atestaram divergências entre apoiadores de Bolsonaro. Desde já, nesse caso, se interrogaria: (i) qual será o estatuto de consistência destas estereotipações, mediante as quais vieram a ser indiretamente sustentadas as concepções do bolsonarismo como um movimento coeso, organizado, estável e amplo (correspondente a 30% do eleitorado)?

(ii) O apoiador de Jair Bolsonaro necessariamente reverbera a sua retórica?

Ainda em meio às campanhas eleitorais de 2018, alguns simpatizantes de Bolsonaro se identificaram como seus “soldados” ou “robôs”, chamando Bolsonaro de “capitão” ou “mito” (entre outros termos os quais indicam certa submissão ao mesmo). Não se mostra inconsistente a suposição de que muitos dos seus eleitores os quais se sentiram representados pelo mesmo vieram a idealizá-lo; isto é, a concebê-lo como seu líder, se inclinando ao seu apoio acrítico. A teoria freudiana acerca dos vínculos libidinais – a qual orientou, em alguma medida, análises de autores tais como Adorno (1972) e Safatle (2020) sobre movimentos autoritários ou de extrema-direita – sustenta indiretamente esta suposição (ainda que Freud tenha desenvolvido esta teoria cerca de um século antes da eleição de Bolsonaro). Nesse contexto, embora no cenário nacional os movimentos ditos “de extrema-direita” tenham sido “marginais” nos últimos anos (LOWY, 2015, p. 662), estariam ascendendo recentemente e a sua ascensão ameaçaria a integridade das instituições democráticas.

Provavelmente, entretanto, o apoio de outros àquele é mais apropriadamente considerado como “estratégico” – se diferenciando do apoio relacionado com a consideração de Bolsonaro como um “mito” e, assim, com certa submissão a esse último. Embora tenha se mantido em cerca de 30% do eleitorado o percentual de eleitores os quais consideravam a atuação de Bolsonaro como “ótima/boa” entre maio e julho de 2020, análises do Datafolha estimaram a dimensão do denominado “bolsonarismo raiz” em percentuais dentre 12% e 20% do eleitorado – comumente, cerca de metade dos apoiadores. Em certos casos, tais como em matéria da *Revista Fórum* (2020), a expressão “bolsonarismo raiz” tem sido utilizada de modo a designar o suposto núcleo duro dos apoiadores de Bolsonaro.

De outro lado, a teoria freudiana acerca dos vínculos afetivos também sustenta indiretamente a suposição de que muitos dos indivíduos os

quais se sentiram representados por Bolsonaro em certos assuntos relevantes teriam acabado se identificando expressivamente uns com os outros e, em alguma medida, com o seu líder. Nesse caso, teriam vindo não somente a se submeter àquele e a ressoar elementos de sua retórica, mas, também, a assumir mais comumente os seus posicionamentos, constituindo uma massa. Aparentemente, nos ruidosos atos organizados em apoio a Bolsonaro, se atestariam estas identificações e idealizações, concebidas na obra de Freud (1986). Nesse sentido, em variadas ocasiões em 2020, integrantes desses atos manifestaram abertamente suas atitudes anti-institucionais (GARCIA; FALCÃO, 2020) (a exemplo do apoio a um golpe militar, à dissolução do Supremo Tribunal Federal e à dissolução do Congresso Nacional), seu conservadorismo moral – representado, entre outros, pelo apoio aos chamados “valores da família” e à cristandade (SP TERÁ..., 2020) –, e seu “nacionalismo” subserviente aos Estados Unidos.

O aumento do número de indivíduos os quais relataram intenção de voto em Bolsonaro em 2018 veio a ser expressivo nos quatro meses imediatamente anteriores à eleição – o que se constata na comparação entre estatística contida em matéria de O Globo (SEM LULA..., 2018) e aquela relativa ao resultado das eleições. As demandas sociais diretamente relacionadas com o antipetismo (ou, menos restritamente, antiesquerdismo), com as atitudes anti-institucionais (também denominadas “antissistêmicas” e “*anti-establishment*”, entre as quais se incluiria o antipartidarismo), com o conservadorismo moral cristão e com certo ideal de nacionalismo subserviente vieram a ser amplamente consideradas como implicadas na eleição de Bolsonaro. Esse último as teria instrumentalizado, agregando durante as campanhas eleitorais variados setores sociais à sua base – alguns destes, inclusive, ostensivamente divergentes entre si em muitos aspectos, a exemplo de indivíduos “étnicos de direita”, concebidos no relatório de Kalil (2018, p. 18), e de supremacistas (entendidos como situados à extrema-direita). Nesse contexto, Kalil (2018, p. 2) asseverou que “a estratégia de

comunicação do candidato Jair Bolsonaro, até a realização do primeiro turno eleitoral se baseou em segmentar as informações para os diferentes perfis de potenciais eleitores.”.

Entre os apoiadores de Bolsonaro em 2018, seguramente existiram indivíduos identificados entre si e os quais o tenham idealizado. No entanto, não necessariamente, um apoiador daquele se sentiu inteiramente representado pelo então candidato em cada um dos seus aspectos; nem necessariamente veio a se identificar significativamente com ele. Certamente, entre aqueles apoiadores, constaram também indivíduos não identificados como “de extrema-direita” e os quais não assumiram cada um dos seus posicionamentos. Ainda assim, devido às estereotipações antes mencionadas, muito comumente, o apoiador daquele veio a ser concebido como uma caricatura do seu líder e como inteiramente incapacitado a criticá-lo.

Aparentemente, os resultados de pesquisas recentes – os quais se analisaram neste artigo – contrariaram os estereótipos construídos de forma midiática acerca dos supostos “bolsonaristas”. Desse modo, seria controversa a concepção do denominado “bolsonarismo” como um movimento de massas, relativamente coeso, organizado e estabilizado, caso tenha sido correspondido aos cerca de 30% do eleitorado em meados de 2020. Em alguns casos, seria mais controversa ainda a sua consideração como movimento de massas de extrema-direita – a qual soaria como exagerada, mesmo existindo convergências valorativas, atitudinais e ideológicas entre muitos dos apoiadores de Bolsonaro nesse sentido. Esses estereótipos seriam inconsistentes em muitos dos seus aspectos e uma “identidade bolsonarista”, se existente, não corresponderia a certos elementos comumente atribuídos aos apoiadores (ou, até mesmo, aos simpatizantes); nem seria assumida subjetivamente por cada um desses. Existiriam divergências importantes entre apoiadores de Bolsonaro, assim como entre seus simpatizantes, potenciais eleitores e eleitores em primeiro turno – ainda que se tenha constituído uma expressiva tendência dita “de extrema-direita” (ou “autoritária”) entre seus simpatizantes.

Notas metodológicas

Considerações sobre “bolsonaristas”, “bolsonarismo” e “identidade bolsonarista”

O termo “bolsonarista” tem sido utilizado de modo conceitualmente impreciso. Mais comumente, designou o apoiador, o eleitor, o potencial eleitor ou o simpatizante de Jair Bolsonaro. Desde já, se constataria a sua utilização, no mínimo, abrangente. Contudo, as noções de apoiador, simpatizante, potencial eleitor e eleitor, embora utilizadas como equivalentes em alguns estudos – com objetivos determinados –, são diferentes entre si. Neste artigo, se intencionou uma análise aproximativa das divergências internas a um dos setores denominados, midiaticamente, “bolsonaristas”: o setor constituído pelos apoiadores de Bolsonaro. Nesse contexto, de modo a se ocasionar certa desambiguação terminológica, relevante ao desenvolvimento deste artigo, serão discutidas sucintamente algumas nuances destas noções – as quais, embora relacionadas em alguma medida no âmbito eleitoral, não são exatamente intercambiáveis.

Em muitos casos, a expressão “eleitor de Bolsonaro” designou meramente um indivíduo o qual votou naquele. A expressão “potencial eleitor de Bolsonaro”, um indivíduo o qual relatou intenção de voto naquele. Ambos, independentemente das razões (e dos motivos) individuais. Já a expressão “apoiador de Bolsonaro”, alguém que mantinha, em alguma medida, atitude de concordância com aquele, independentemente de suas disposições afetivas em relação a ele. Por outro lado, a expressão “simpatizante de Bolsonaro”, um indivíduo o qual mantinha certa disposição afetiva positiva em relação àquele.

Mais comumente, o simpatizante de alguém se sente representado pelo mesmo em alguma medida, se identificando com esse último – e eventualmente o idealizando – de algum modo. Ainda, o eleitor, do mesmo modo como o potencial eleitor, se insere em sistema eleitoral; no entanto, o apoiador e o simpatizante, não necessariamente.

Indivíduos não simpatizam somente com candidatos, mas, também, entre muitos outros, com políticos eleitos e com certas lideranças de movimentos sociais. Analogamente, indivíduos não apoiam exclusivamente candidatos, embora o voto consista em um modo de apoio – e, assim, o eleitor de um candidato consiste em um apoiador deste ao menos durante o momento de seu voto nele. Durante o momento das votações em 1º turno, assim como em 2º turno, o setor constituído pelos eleitores de um candidato e o setor constituído pelos seus apoiadores vêm a ser aproximadamente equivalentes entre si, embora este setor seja mais amplo que aquele em certos casos – por exemplo, se muitos daqueles apoiadores não estiverem capacitados ao voto, não se inserindo no sistema eleitoral. Portanto, as interposições entre os setores variam de acordo com o contexto analisado.

Ainda que não sejam exatamente intercambiáveis entre si, em certos casos existem associações estatísticas entre as noções correspondentes a estas expressões. A intenção de voto não corresponde exatamente ao apoio, nem à simpatia, mas, em alguns estudos – tais como o do Instituto Travessia analisado neste artigo –, se considerou a intenção de voto como índice (e, até mesmo, equivalente) de apoio, devido à tendência à sua associação, por exemplo, ocorrida em trabalhos nos quais somente se tenham analisado indivíduos capacitados ao voto. De outro lado, recorrentemente, os simpatizantes de um candidato constam entre os seus apoiadores: este setor costuma ser mais amplo que aquele. Adicionalmente, apoiadores (e, assim, também simpatizantes) de um candidato capacitados ao voto, do mesmo modo como seus potenciais eleitores, costumam constar entre seus eleitores em ambos os turnos.

Parte dos eleitores de um candidato em 2º turno, entretanto, não consta entre seus simpatizantes; nem entre os indivíduos concebidos como seus apoiadores e potenciais eleitores até o 1º turno. Comumente, em um 1º turno, a associação entre voto e simpatia vem a ser muito mais relevante que no 2º turno. Paralelamente, o nível de coesão

do eleitorado de um candidato em 1º turno, em certos aspectos, costuma ser maior que seu nível de coesão em 2º turno. Entre o 1º e o 2º turno, costuma aumentar a amplitude das divergências (em relação a atitudes, valores, ideais e demandas) do eleitorado de um candidato. Em 1º turno, os eleitores de um candidato se sentem mais comumente representados pelo mesmo; já no 2º turno, não raramente, eleitores são motivados menos pela sua simpatia pelo seu candidato que pela sua antipatia pelo seu opositor. Por exemplo: em 2018, certos eleitores relataram voto estratégico em Bolsonaro relacionado com o antipetismo; isto é, relataram que o seu voto neste candidato se motivou mais pela sua antipatia pelo PT, que pela sua simpatia pelo Bolsonaro (KALIL, 2018, p. 24).

Neste artigo, somente se utilizou o termo “bolsonarismo”, assim como o termo “bolsonarista”, em excertos nos quais, explícita ou implicitamente, se criticou, relativizou ou meramente mencionou, a sua utilização por terceiros. Dessa maneira, se reduz o risco de reiteração da anteriormente referida imprecisão conceitual na análise de um assunto que, até o momento, resta como inexpressivamente analisado: o estatuto de heterogeneidade de um dos setores do suposto “bolsonarismo”, aquele constituído pelos apoiadores de Bolsonaro. Por sua vez, a expressão “identidade bolsonarista”, utilizada neste artigo, não designaria uma entidade essencial⁷, mas, sim, uma construção social, contingente. Esta seria constituída mediante a identificação de um grupo de indivíduos com Bolsonaro – isto é, com o significante “Bolsonaro”⁸.

A identificação deste grupo seria determinada pelo estabelecimento de cadeias de equivalência entre demandas não atendidas destes indivíduos, os quais vieram a acreditar (cada um, com suas razões

e motivos) que Bolsonaro as atenderia. Então, se sentiram representados pelo mesmo em alguma medida – alguns deles, o idealizando, ainda que inconscientemente. Todavia, os sentidos atribuídos pelo dito “bolsonarista” à sua própria identificação com Bolsonaro, assim como os atributos (demandas, ideais, atitudes e valores) daquele, não necessariamente seriam compartilhados pelos demais supostos “bolsonaristas”. Ainda assim, independentemente de sua contingência⁹, esta “identidade”, assumida subjetivamente por alguns de seus apoiadores – e por muitos de seus simpatizantes –, condicionaria seus sentimentos, pensamentos e comportamentos num mesmo sentido.

Considerações sobre os estudos analisados

Publicados entre 2018 e 2020, alguns estudos nacionais centraram suas análises em indivíduos concebidos ostensivamente como apoiadores, potenciais eleitores, eleitores ou simpatizantes de Jair Bolsonaro. Esses estudos incluem: (i) artigos científicos; (ii) um relatório científico (de pesquisa qualitativa); e (iii) outros artigos (nos quais se divulgaram os resultados de pesquisas de opinião, pós-eleitorais). Para a realização deste artigo, se selecionaram, dentre os mencionados estudos, aqueles correspondentes (ao menos aproximadamente) à análise de apoiadores daquele em algum dos seguintes momentos: (1) o momento situado até o 1º turno das eleições presidenciais de 2018 (o qual compreendeu as campanhas eleitorais em meio às quais se iniciou a construção midiática de estereótipos acerca dos supostos “bolsonaristas”); e (2) meados de 2020, momento no qual o presidente Bolsonaro, em meio à pandemia da Covid-19, mantinha um conflito aberto com o Supremo Tribunal

⁷ Sartori (2019) estudou a noção de essencialização identitária e, nesse contexto, concebeu uma diferença entre uma “identidade” dita “essencial” e uma “identidade” dita “culturalmente construída”, a qual ocasionalmente vem a ser coletivamente essencializada. O entendimento de Sartori (2019) de que as identidades sociais são culturalmente construídas (e, nesse sentido, contingentes) norteou o argumento desenvolvido neste artigo, sobre a denominada “identidade bolsonarista”. A consideração desta última como entidade “extra-discursiva” é inconsistente.

⁸ Starnino (2016), em uma perspectiva referenciada nas obras de Lacan e Laclau, discutiu sobre as noções de significante, de cadeias de equivalência e de demanda em meio à sua articulação com os conceitos de identidade e de identificação.

⁹ Isto é, de sua não correspondência a uma substância a qual estaria contida em cada suposto “bolsonarista”.

Federal (STF), com o Congresso Nacional, com ex-apoiadores socialmente importantes, com certas instituições civis etc.

Em 2018, antes mesmo da vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, no relatório científico de Kalil (2018) e em um artigo de Solano (2018), as autoras estudaram, respectivamente, os denominados “cidadãos de bem” – isto é, apoiadores, potenciais eleitores e eleitores (em 1º turno) de Bolsonaro – e os simpatizantes de Bolsonaro. Aproximadamente, mesmo com ressalvas importantes – as quais se evidenciaram e se discutiram a seguir –, o conhecimento acerca dos apoiadores deste veio a ser expressivamente aumentado. Já em meados de 2020, resultados de pesquisas quantitativas pós-eleitorais vieram a contribuir ao aumento deste conhecimento cerca de um ano e meio após as eleições presidenciais de 2018. O Datafolha e o Instituto Travessia – dos quais se utilizaram neste artigo alguns resultados de pesquisas pós-eleitorais –, constam entre os mais importantes institutos os quais centraram sua análise em apoiadores de Bolsonaro.

Neste artigo, em meio à análise desses estudos, estes vieram a ser categorizados de acordo com certos avanços ocasionados pelos seus resultados no nível de conhecimento acadêmico acerca da heterogeneidade do suposto “bolsonarismo”. A categorização, embora não estritamente orientada de acordo com a cronologia da origem dos estudos, indiretamente os ordenou também deste modo. Pesquisas qualitativas acerca de apoiadores, potenciais eleitores e eleitores (em 1º turno), assim como acerca de simpatizantes, ocorridas antes da eleição de Bolsonaro, vieram a ser iniciadas antes de quaisquer pesquisas quantitativas sobre os apoiadores desse último.

Porém, neste artigo, não se conceberam certas categorias de estudos como mais (ou menos) importantes: em cada pesquisa, qualitativa ou quantitativa, um(a) pesquisador(a) intencionou a elaboração de determinada problemática e contribuiu à compreensão de um certo aspecto do objeto – as pesquisas não sendo “hierarquizáveis” nesse sentido. Por exemplo, em 2018, mediante pesquisa qualitativa, Kalil (2018) desenvolveu uma

tipologia e originou suposições as quais não seriam origináveis do mesmo modo em pesquisas quantitativas. Por meio destas últimas, de outro lado, se evidenciaram estatísticas (amplitudes etc.) não evidenciáveis naquelas. Nesse contexto, mais restritamente, as seções seguintes correspondem respectivamente à discussão acerca de duas categorias de pesquisas realizadas: (i) pesquisas qualitativas acerca de “cidadãos de bem” ou de simpatizantes de Bolsonaro, desenvolvidas e divulgadas anteriormente à vitória eleitoral de Bolsonaro em 2018; e (ii) pesquisas quantitativas acerca de apoiadores de Bolsonaro, desenvolvidas e divulgadas em meados de 2020.

Resultados e Discussão

Pesquisas qualitativas acerca de “cidadãos de bem” ou de simpatizantes de Bolsonaro

Mesmo sendo consistente a suposição do aumento, entre o início das campanhas eleitorais de 2018 e o início do mandato de Bolsonaro, do número de indivíduos os quais ressoem os valores, as atitudes e os ideais reconhecidos no discurso desse último, estudos divulgados ainda em meio às eleições presidenciais de 2018 apontaram uma expressiva heterogeneidade entre apoiadores daquele. Algumas das estereotípias acerca do eleitorado de Bolsonaro midiaticamente construídas em 2018 vieram a ser contrariadas em certos aspectos pelos resultados de pesquisas de autoras tais como Kalil (2018) e Solano (2018) – nesse caso, pesquisas qualitativas mediante as quais se evidenciaram importantes atributos de apoiadores daquele. Por outro lado, as autoras indicaram elementos (supostamente, correspondentes a demandas) os quais serviram à constituição de “identidades bolsonaristas”, contingentes, mas abrangentes. Adicionalmente, o estudo de Solano (2018) também evidenciou que certos elementos, remetidos à denominada “nova-direita brasileira” (extrema-direita nacional), eram recorrentes já em 2018 entre os simpatizantes de Bolsonaro. A seguir, serão discutidos esses resultados das pesquisas das autoras.

O relatório científico de Kalil (2018): estudo qualitativo sobre “cidadãos de bem”

Kalil coordenou, entre o início de 2016 e outubro de 2018, ainda antes da vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, variadas pesquisas acerca de indivíduos concebidos como apoiadores, potenciais eleitores ou eleitores (em 1º turno) desse último (KALIL, 2018, p. 1-2). Por meio da elaboração de resultados dessas pesquisas (em algumas das quais, se utilizaram entrevistas em profundidade, em outras das quais, *surveys*), a autora desenvolveu um relatório científico intitulado “Quem são e no que acreditam os eleitores de Bolsonaro”, no qual incluiu uma tipologia acerca desses indivíduos “de acordo com marcadores de classe social, raça/etnia, identidade de gênero, religião, formas de engajamento e crenças.” (KALIL, 2018, p. 1)¹⁰. Desse modo, utilizando os dados oriundos daquelas pesquisas, a autora (KALIL, 2018, p. 14-24) construiu 16 tipos de eleitores de Bolsonaro.

A autora asseverou que esses tipos não consistiriam em seus perfis psicológicos e que a construção desses tipos não resultaria no estabelecimento “de uma correlação entre personalidade e percepções sobre o poder” (KALIL, 2018, p. 12). Em alguns daqueles indivíduos, seriam consistentemente observáveis atributos de mais de um dos tipos construídos pela autora. Por exemplo, em um eleitor, se observariam, simultaneamente, uma demanda constitutiva de determinado tipo e o repúdio a certa entidade (representação social), constitutivo de outro tipo. Os resultados da sua pesquisa expressaram, sobretudo, a segmentação a qual se constituiu no campo de pesquisa, sendo importante a sua análise neste artigo.

Contudo, se assevera o seguinte: embora, em um excerto de seu relatório, Kalil (2018, p. 1) tenha considerado a sua tipologia como relativa a apoiadores, potenciais eleitores ou eleitores em

1º turno, em outro excerto, se referiu, no mesmo sentido, exclusivamente aos eleitores de Bolsonaro em 1º turno. Nos termos de Kalil (2018, p. 12):

A tipificação trata de forma abstrata de diferentes dimensões mobilizadas na escolha do voto e como estas dimensões podem estar ou não sobrepostas. Ou seja, não é possível encontrar este eleitor ideal em carne e osso na frente das urnas, a menos que se construa uma visão caricata e pouco crível dos fenômenos sociais. Um eleitor ‘religioso’ pode se mobilizar politicamente a partir das motivações do eleitor ‘isento’ ou ainda das ‘mães’ [...]. Nossa perspectiva foi a de construir modelos para pensar os eleitores de modo a compreender melhor, identificar e hierarquizar diferentes dimensões mobilizadas na escolha do voto, muitas delas mobilizadas pelo medo que, como se sabe, foi o terreno no qual proliferaram as *fake news*.

Portanto, implicitamente, considerou que cada um dos atributos (atitudes, demandas, repúdios etc.) incluídos na tipologia, observados em apoiadores, potenciais eleitores ou eleitores (em 1º turno) de Bolsonaro, seriam também observados, mais restritamente, entre os eleitores – ainda que as amplitudes desses atributos não necessariamente tenham sido idênticas nos seus setores correspondentes. Obviamente, considerado o recorte temporal correspondente à coleta de dados (de 2016 a 2018), muito abrangente, não seria inconsistente a suposição, por exemplo, da existência de indivíduos com retórica remetida academicamente à direita observados entre 2016 e 2017, mas os quais não necessariamente votaram em Bolsonaro em 2018 – independentemente das suas razões. Ainda, no 1º turno de 2018, não necessariamente o setor constituído pelos eleitores conteria cada um dos indivíduos concebidos como apoiadores e potenciais eleitores anos antes.

Porém, a autora indicou, com o intuito do desenvolvimento da mencionada tipologia, certa

¹⁰ Em artigo de Sartori e Mantovani (2016), os autores argumentaram que as categorias identitárias (a exemplo do gênero, da raça, da religião etc.) são construções sociais, e não entidades essenciais. Portanto, seria consistente a sua utilização como categorias analíticas, por exemplo na construção de uma *tipologia*; contudo, a suposição de que aquelas categorias conteriam uma essência seria ilusória.

aproximação (qualitativa) entre a heterogeneidade do setor constituído pelos eleitores em 1º turno e, mais amplamente, a da amostra de seu estudo, constituída pelos apoiadores, potenciais eleitores e eleitores mencionados. Ao menos alguns dos valores, atitudes, demandas, repúdios, razões e motivos de apoiadores, assim como de potenciais eleitores, seriam observados entre eleitores de Jair Bolsonaro. Provavelmente, aqueles atributos os quais se observaram nesses três setores, se incluíram na tipologia.

Neste artigo, se intencionou a análise aproximativa da heterogeneidade não dos eleitores, mas, sim, dos apoiadores de Bolsonaro. Então, do estudo de Kalil (2018), seria interessante a extração de considerações acerca desses apoiadores até o 1º turno de 2018. Nesse caso, se interrogaria: existiria algum modo de se utilizar consistentemente os resultados do relatório de Kalil na análise desta heterogeneidade? Para que a tipologia de Kalil acerca dos mencionados eleitores de Bolsonaro correspondesse a uma tipologia sobre seus apoiadores, quais seriam as condições necessárias? Certamente, uma condição seria a de que cada um dos atributos incluídos na tipologia tivesse sido também observado entre apoiadores. Esta condição seria não somente necessária, mas, simultaneamente, suficiente. Mas, como se atenderia essa condição?

Na análise do relatório, se constatam algumas insuficiências metodológicas: a autora não

evidenciou neste último os critérios utilizados à concepção de potenciais eleitores de Bolsonaro, nem de seus apoiadores. Nesse caso, existiriam alguns argumentos direcionados, por exemplo, a sustentar a consistência da aproximação entre seus apoiadores e seus eleitores contornando tais insuficiências metodológicas¹¹. Mas, o argumento mais relevante nesse sentido – e efetivamente decisivo –, consiste em se asseverar o seguinte: os eleitores de Bolsonaro em 1º turno sobre os quais Kalil construiu uma tipologia, consistem, ao menos no momento de seu voto, em apoiadores de Bolsonaro. Portanto, a tipologia acerca dos eleitores consiste em uma tipologia sobre apoiadores! Assim, independentemente de suas referidas insuficiências, os resultados do relatório de Kalil seriam consistentemente utilizáveis na análise da heterogeneidade interna ao setor correspondente aos apoiadores.

Por outro lado, embora o número de indivíduos considerados neste estudo de Kalil (observados em pesquisas coordenadas pela autora entre 2016 e 2018) tenha sido superior a mil, não se recorreu, no estudo em si, a uma aleatorização de amostragem: em somente algumas das pesquisas se utilizaram *surveys* e se aleatorizaram amostras. Então, seriam inconsistentes estimativas das amplitudes de certos atributos entre os apoiadores de Bolsonaro – e inferências estatísticas sobre as dimensões dos eventuais subsectores constituídos por apoiadores – ocorridas a partir dos dados desta

¹¹ Por exemplo, seria argumentável o seguinte: consideradas (i) as concepções mais recorrentes dessas noções – discutidas neste artigo em seção anterior –, (ii) o *recorte temporal* correspondente à *coleta de dados* (de 2016 a 2018) e (iii) a ascensão de Bolsonaro em meio às campanhas eleitorais, soa como consistente a suposição de que no mínimo a maioria dos indivíduos concebidos como *potenciais eleitores* de Bolsonaro o apoiaram até o 1º turno; e, analogamente, a suposição de que ao menos a maioria dos indivíduos concebidos como *apoiadores* de Bolsonaro votaram neste no 1º turno. Sobretudo, se considerada a evidenciação explícita, na *tipologia* acerca de *eleitores*, de certos valores, atitudes, ideais, motivantes, repúdios e demandas também seguramente orientadores do discurso (e do comportamento) de *apoiadores* de Bolsonaro. Kalil, em sua caracterização dos *tipos*, em variados excertos mencionou atributos de *apoiadores* sobre Bolsonaro (e não de seus *eleitores*). Além disso, caso algum dos supostos *potenciais eleitores* ou *apoiadores* entrevistados tenha se arrependido antes do 1º turno e não tenha votado em Bolsonaro, ou tenha deixado de votar devido à outra razão, ainda assim mais provavelmente seus atributos observados terão sido observados também em outros *apoiadores*, os quais votaram em Bolsonaro, sendo mantida a consistência da aproximação qualitativa entre a *heterogeneidade* destes últimos e a dos *eleitores*. Isto, mesmo que essa aproximação entre as *heterogeneidades* desses setores não implique a *identidade* (isto é, a exata *sobreposição*) entre os setores em si. Neste artigo, se intencionou não o conhecimento mais detido sobre cada um dos apoiadores (ou potenciais eleitores), nem sobre a manutenção do apoio (ou da intenção de voto) de eleitores desde 2016 até 2018; mas, sim, a evidenciação da heterogeneidade do setor constituído pelos apoiadores. Nesse contexto, considerada a argumentação anterior, não viria a ser inconsistente a aproximação momentânea realizada, assim como a utilização do relatório de Kalil neste artigo com o intuito da evidenciação dessa heterogeneidade.

pesquisa. Contudo, esta pesquisa qualitativa correspondeu a um estudo de campo minuciosamente descritivo e, até então, inédito. Nesse sentido, mesmo que, nessa pesquisa, os tipos construídos não consistam necessariamente em setores coesos e não se tenham identificado e dimensionado diferentes subsetores, sua pesquisa resultou em suposições utilizáveis como orientadores teóricos de pesquisas quantitativas acerca daqueles apoiadores.

Adicionalmente, Kalil (2018, p. 12) considerou a *categoria* denominada “cidadãos de bem” como correspondente ao setor mais amplo anteriormente mencionado – constituído pelos *eleitores em 1º turno, potenciais eleitores e apoiadores* de Bolsonaro. Logo, segundo a argumentação anterior, concebeu aquela *categoria* como um construto centralizador dos variados *tipos* de *eleitores* (e, indiretamente, também de *apoiadores*). A autora, então, após ter indicado alguns atributos comuns aos integrantes dessa *categoria*, evidenciou importantes divergências entre seus *tipos* e, nesse sentido, considerou a *categoria* como “caleidoscópica” (KALIL, 2018, p. 12). Por exemplo, indicou que alguns elementos – recorrentemente atribuídos à retórica da extrema-direita brasileira e remetidos midiaticamente ao apoiador de Bolsonaro – não seriam consistentemente observados em cada um dos apoiadores.

Entre os tipos denominados (KALIL, 2018, p. 14-16) “pessoas de bem”, “masculinidade viril” e “militares e ex-militares”, existiriam convergências relevantes, principalmente em um sentido securitário-autoritário. Contudo, na comparação entre “pessoas de bem” e “masculinidade viril”, se indicaria a discordância de alguns dos apoiadores de Bolsonaro sobre o seu estatuto de apoio ao armamentismo civil. Enquanto a “masculinidade viril” “vislumbra no porte de armas uma solução, pois acredita que os cidadãos devem ter condições de se defender e também de praticar justiça, quando necessário” (KALIL, 2018, p. 14), as “pessoas de bem” “não acreditam que a ‘justiça com as próprias mãos’ possa ser a solução para o país, repudiam a violência entre os cidadãos e desejam que as instituições sejam fortalecidas.”. Eis uma

divergência relevante, sobretudo se considerada a expectativa de que os apoiadores de Bolsonaro necessariamente apoiam o armamentismo civil.

Ainda, o relatório indicaria divergências mais marcantes. Entre os tipos de “cidadãos de bem”, se incluíram, no relatório, os denominados “homossexuais conservadores” e “etnias de direita”. Este último tipo conteria “homens e mulheres, negros, indígenas, orientais e imigrantes” e “[...] começou a se tornar visível após as denúncias de que a direita e a extrema direita não comportavam entre seus militantes e representantes políticos, pessoas negras, indígenas, quilombolas e orientais.” (KALIL, 2018, p. 18). Certamente, “homossexuais conservadores” e “étnicos de direita” tenderiam a não ressoar a retórica supremacista observada em certos outros apoiadores de Bolsonaro; alguns a relativizariam ou, até mesmo, a reprovariam ostensivamente. Por sua vez, analogamente, a inclusão no relatório de “femininas e ‘bolsogatas’” se associaria com certa relativização da concepção coletiva do apoiador de Bolsonaro como indivíduo necessariamente reacionário em relação ao gênero. Este tipo incluiria mulheres as quais se concebiam abertamente como “[...] contra a violência de gênero” (KALIL, 2018, p. 16) – ainda que, indiretamente, a sua cosmovisão a reitere.

Também, elementos comumente concebidos como constitutivos das *direitas brasileiras* e remetidos ao apoiador de Bolsonaro não necessariamente o constituiriam. Por exemplo, seriam divergentes entre si, as atitudes de “periféricos de direita” e de “meritocratas” em relação ao liberalismo econômico, assim como suas concepções recorrentes acerca de expressões neoliberais a exemplo de “Estado mínimo”. Nesse caso, segundo os “periféricos de direita”, os quais “[...] dependem dos serviços públicos [...], a defesa do Estado mínimo significa que o Estado deveria intervir o mínimo possível em questões consideradas como o campo da religião ou da vida íntima (leia-se moral) e não necessariamente implicariam em uma redução de serviços públicos, como a educação e a saúde” (KALIL, 2018, p. 20). Já os “meritocratas”, segundo Kalil (2018, p. 20), “defendem redução

ou corte de programas sociais, tendem a ver estes programas ou como privilégios ou como formas de tornar as pessoas pouco produtivas. [...] São contra cotas [...] e se expressam com a máxima ‘é preciso ensinar a pescar e não dar o peixe’” e “podem adotar posições economicamente liberais (no sentido de apoiar o livre mercado e o Estado mínimo).”

Mas os ‘meritocratas’ não necessariamente se adequam ao modelo representado por Bolsonaro, conservador nos costumes. Para a maioria dos meritocratas, as discussões relacionadas a gênero, sexualidade e identidades são secundárias. O que importa é que Bolsonaro não representará o modelo econômico petista que corrobora uma tendência vista como negativa na sociedade brasileira que teria ‘muitos direitos e poucos deveres’ (KALIL, 2018, p. 20).

Nesse caso, não necessariamente o indivíduo identificado com esse *tipo*, “caracterizado por pessoas de classe média alta e elites, com alto nível de escolarização” (KALIL, 2018, p. 20), reverberaria abertamente a retórica reacionária de extrema-direita ou a retórica tradicional da direita brasileira. Possivelmente, alguns repudiariam publicamente essas retóricas e, mesmo intimamente, não concordariam com estas.

Analogamente, o tipo denominado “fiel religioso” por Kalil (2018, p. 22-23) incluiria indivíduos (i) autodeclarados como cristãos e (ii) os quais se sentiriam em alguma medida representados pelo então candidato – sendo ostensivamente conservadores. Embora o setor evangélico tenha sido o setor mais expressivo, “católicos, espíritas, entre outras” também o constituíram¹². De outro lado, com este tipo, assim como com a maioria dos outros, se identificariam em alguma medida variados eleitores de Bolsonaro. Contudo, também se indicou no relatório certa “estrategicidade”

de apoiadores de Bolsonaro; isto é, o apoio não relacionado com a idealização desse último, nem com a sua consideração como um “mito”. O indivíduo concebido (KALIL, 2018, p. 24) como “isento” não necessariamente simpatizaria com o então candidato: muitos dos “isentos” teriam sido condicionados ao voto neste pela sua expressiva atitude antissistêmica, anticorrupção ou antipetista.

O artigo científico de Solano (2018): pesquisa qualitativa sobre simpatizantes de Bolsonaro

Para o entendimento mais minucioso dos elementos discursivos da “nova direita” com os quais certos brasileiros se identificaram, a metodologia utilizada no estudo de Solano (2018) correspondeu à realização e à análise dos resultados de entrevistas em profundidade com simpatizantes de Bolsonaro (SOLANO, 2018, p. 10). Os estudos de Kalil (2018) e de Solano (2018) se assemelharam metodologicamente em alguns sentidos, mas não se analisaram no artigo desta, mais amplamente, os “cidadãos de bem” ou os eleitores de Bolsonaro. Estudando mais detidamente os mencionados simpatizantes, Solano (2018), diferentemente de Kalil (2018), não construiu uma tipologia, mas evidenciou uma série de convergências atitudinais, valorativas e ideológicas entre esses indivíduos e indicou motivantes da identificação desses últimos com a retórica do então candidato.

Nesse contexto, Solano (2018, p. 1) reconheceu, como elementos muito recorrentes no discurso dos entrevistados (simpatizantes), os seguintes: antipetismo; crença de que Bolsonaro era um “político honesto” contrário à “classe política corrupta”; crença de que o “cidadão de bem” estaria desprotegido (isto é, de que “seria a vítima abandonada e o criminoso estaria superprotegido pelo Estado”);

¹² Os “feis religiosos” estariam convencidos da ocorrência, nos últimos anos, de (i) certa “inversão de valores” na sociedade brasileira – assim, sendo ameaçada a “família tradicional brasileira” – e (ii) da responsabilidade do PT pela mencionada “inversão”. Kalil (2018, p. 22) asseverou que este tipo se sobreporia aos demais – não tendo sido estabelecidos o seu *gênero*, a sua *faixa etária*, e a sua *classe*. Contudo, aproximadamente incluídos neste *tipo*, estariam variados setores religiosos, a exemplo de neopentecostais autoritários os quais apoiavam Bolsonaro. Possivelmente, seriam “isoláveis” em *pesquisas quantitativas* (mediante utilização de recursos estatísticos), certos setores aproximadamente associados com este *tipo*, sendo identificada a coesão entre certos outros atributos, não restritos a valores e atitudes morais ou religiosas.

contrariedade às cotas raciais; medo – isto é, percepção de insegurança – (SOLANO, 2018, p. 12); moralismo maniqueísta – pelo qual se concebia a realidade social como cindida entre os criminosos e os “cidadãos de bem”; sentimento antipolítico (SOLANO, 2018, p. 15); crença de que Bolsonaro era perseguido pela imprensa; crença de que LGBTQI+ recorriam a vitimismos e mantinham privilégios (SOLANO, 2018, p. 18); contrariedade aos ditos “vagabundos”; antifeminismo (SOLANO, 2018, p. 19); desprezo pelo denominado “politicamente correto” (SOLANO, 2018, p. 21); e valores ditos “conservadores” e “cristãos” centrados no anseio de valorização de sua concepção de “Família, religião, disciplina, autoridade, ética” (SOLANO, 2018, p. 24).

Aqui, reorganizando e “traduzindo” os elementos anteriormente mencionados, se supõe que, entre as demandas mais comumente implicadas na identificação com Bolsonaro, estariam aquelas de combate: (i) ao PT; (ii) aos – supostos – privilégios de certos grupos, os quais alegadamente estariam protegidos pelo dito “politicamente correto” e pelo Estado (tais como LGBTQI+, negros, indígenas, feministas, e os supostos “criminosos” e “vagabundos”); (iii) à corrupção (o termo “corrupção”, sendo utilizado em sentido abrangente); (iv) ao “sistema estabelecido” (por exemplo, ao sistema político, à classe política e à imprensa). Também, demandas de defesa de valores ditos “conservadores” e “cristãos” – valores remetidos aos chamados “cidadãos de bem” – e de intervenção militar (a qual contribuiria à restituição daqueles valores). Não necessariamente, cada uma destas demandas teria constado em cada indivíduo identificado com Bolsonaro. Ainda, em certos casos, outras demandas teriam se implicado na identificação; porém aquelas seriam algumas das mais recorrentes.

O estudo de Solano (2018) contribuiu expressivamente ao aumento do conhecimento acadêmico sobre os simpatizantes de Bolsonaro, oferecendo explicação (e sentido) a alguns de seus atributos mais comuns, e se centrou mais na indicação e na caracterização de convergências entre estes simpatizantes, que na de suas divergências.

De forma factual, Solano (2018) não evidenciou muitas dessas últimas. Mesmo assim, indicou indiretamente alguma heterogeneidade do setor constituído por eles. Por exemplo, Solano (2018, p. 24) ressaltou: “Nem todos os entrevistados defendem uma possível intervenção militar, mas o fato é que a maioria deles não condena esta ideia, dado que os militares são um dos poucos atores sociais que ainda têm legitimidade para trazer de volta os valores tradicionais esquecidos”.

Portanto, já antes da eleição de Bolsonaro, se constatava que o simpatizante (e, então, também o apoiador) de Bolsonaro não necessariamente demandaria um golpe militar, ainda que de outro lado se sustentasse a suposição de uma tendência a essa demanda entre os apoiadores (e simpatizantes) daquele. Somente se evidenciou esta divergência atitudinal entre simpatizantes (relativa ao estatuto de apoio a um golpe militar) com o intuito de desconstrução da estereotipia acerca do apoiador de Bolsonaro nesse sentido. Ademais, analogamente ao ocorrido com o estudo de Kalil (2018), seriam inconsistentes estimativas das amplitudes de certos atributos entre os apoiadores de Bolsonaro – e inferências estatísticas sobre as dimensões dos eventuais subsetores constituídos por apoiadores – ocorridas a partir de achados de Solano (2018).

Pesquisas quantitativas acerca de apoiadores de Bolsonaro

Os resultados de pesquisas de opinião recentes – neste caso, pesquisas quantitativas pós-eleitorais – de institutos de pesquisa a exemplo do Instituto Travessia e do Datafolha contrariaram também as estereotipias acerca dos apoiadores de Bolsonaro. Contudo, as suas amostragens teriam sido aleatorizadas. De acordo com estes resultados, alguns atributos, socialmente remetidos ao bolsonarista médio, nem mesmo seriam corretamente atribuíveis à maioria deles. A seguir, serão discutidas mais minuciosamente nuances estudadas pelos institutos Travessia e Datafolha, as quais representam, respectivamente, neste artigo, as pesquisas quantitativas: (i) indicativas de divergências

atitudinais entre apoiadores de Bolsonaro; e (ii) indicativas de variados estatutos de estrategicidade de eleitores desse último (e, assim, de criticidade ao mesmo).

Instituto Travessia: divergências (e convergências) atitudinais entre apoiadores de Bolsonaro

No dia 17 de julho de 2020, o Instituto Travessia divulgou alguns dos resultados de sua sondagem mais recente, acerca dos apoiadores de Jair Bolsonaro. Estes vieram a ser contatados mediante o uso de telefone, entre os dias 9 e 10 de julho, em cada uma das unidades federativas do Brasil. Os entrevistados responderam em qual candidato votariam caso as eleições presidenciais ocorressem no momento da entrevista, não tendo sido oferecidos quaisquer estímulos – a exemplo de nomes de eventuais candidatos nestas eleições imaginárias. Aqueles entrevistados que responderam – nesse caso, espontaneamente – o nome de Jair Bolsonaro vieram a ser considerados como seus apoiadores. Então, vieram a ser interrogados em relação a variados assuntos politicamente importantes no cenário brasileiro.

Algumas estatísticas divulgadas pelo Instituto indicaram diferenças importantes entre as atitudes de apoiadores do presidente sobre assuntos nos quais, comumente, se acreditaria existir ampla convergência. Por exemplo, 45% dos entrevistados (apoiadores) relataram apoio à intervenção do Estado na economia; enquanto 42% relataram contrariedade à intervenção. Adicionalmente, 62% deles relataram contrariedade às manifestações de apoio a golpe militar no Brasil. Apenas 33% relataram concordância com as manifestações de apoio ao golpe. E, ainda, 60% dos entrevistados relataram a crença de que a religião deva orientar as ações do governo; enquanto 33% relataram não manter essa crença. Desde já, se existente, uma “identidade bolsonarista” não corresponderia a certos elementos socialmente atribuídos a esta, a exemplo daqueles referentes a alguns aspectos socioculturais e ideológicos norteadores da retórica de Bolsonaro.

Ainda, 35% relataram apoio às manifestações pelos direitos de minorias tais como as representadas pelo movimento LGBT; enquanto 53% relataram não as apoiar. Já 63% relataram apoio às manifestações contra o racismo as quais aconteceram no mundo; enquanto 28% relataram não as apoiar. E, 36% relataram a crença na necessidade de redução das áreas de reservas indígenas na Amazônia; enquanto 55% relataram não manter essa crença. Desse modo, a “identidade bolsonarista” também não corresponderia a certos atributos, tais como atitudes específicas em relação às alteridades (étnico-raciais, minoritário-sexuais etc.).

Entretanto, embora os dados divulgados pelo Instituto Travessia se refiram a atitudes relatadas de apoiadores de Bolsonaro – isto é, a suas respostas sobre seus posicionamentos em certos assuntos socialmente relevantes –: (i) este Instituto não divulgou análises estatísticas sobre os subsectores de apoiadores de Bolsonaro (nos quais se evidenciarão seus níveis de coesão e as relações entre variados valores, atitudes e características, relacionados com demandas); e (ii) não vieram a ser divulgados os microdados obtidos mediante a sondagem dos apoiadores do presidente pelo Instituto. Este último somente divulgou dados agregados sobre os mencionados posicionamentos.

Provavelmente, as análises destes dados agregados ocasionariam as chamadas “falácias ecológicas”. Não seriam consistentemente dedutíveis, da agregação destes dados entre si, os complexos de valores, atitudes e ideais dos setores constituídos pelos apoiadores de Bolsonaro, nem mesmo as relações entre estes. Por exemplo, não seria consistente a suposição mediante a qual seriam correspondidos entre si, aproximadamente, os 53% dos apoiadores de Bolsonaro os quais relataram não apoiar movimentos LGBT e os 55% dos apoiadores desse último os quais relataram acreditar que deveria existir maior flexibilidade na política de preservação da floresta amazônica. A inferência estatística sobre dados individuais seria contundentemente mais consistente.

No entanto, mesmo evidenciando divergências estatisticamente importantes entre apoiadores

de Bolsonaro e auxiliando na desconstrução de certas estereotípias acerca destes últimos, os dados do Instituto Travessia indicaram convergências importantes entre algumas maiorias dos apoiadores do presidente. Nesse sentido, 95% deles relataram contrariedade à atuação dos políticos no Congresso Nacional; e 90% deles relataram contrariedade à atuação dos ministros do STF. No entanto, não se infere destes dados, isoladamente, quaisquer informações sobre as crenças, respectivamente, destes 95% e 90%, acerca da validade destas duas instituições democráticas em si. Poderiam, ao menos alguns destes, demandar uma renovação do corpo de congressistas ou de ministros, mas, simultaneamente, uma manutenção das instituições em si.

Também, aparentemente contrariando a estereotípias acerca dos apoiadores de Bolsonaro veiculada midiaticamente, 83% deles relataram atitude favorável às manifestações de apoio à democracia. Entretanto, não se infere deste dado, isoladamente, qualquer informação sobre a noção de democracia deles e, neste caso, sobre a atitude deles em relação à democracia liberal. Estudos recentes – a exemplo do realizado por Casalecchi (2016) – evidenciaram que variados indivíduos contrários a instituições academicamente reconhecidas como democráticas identificam a si mesmos como “democráticos”. Alguns afirmam serem apoiadores da “verdadeira democracia”. Assim, muitos dos mencionados apoiadores conceberiam uma democracia de modo “alternativo”, se inclinando à crença de que a atuação de Bolsonaro seria direcionada ao estabelecimento dessa democracia.

Adicionalmente, 98% dos seus apoiadores relataram anseio de que a polícia atuasse mais rigorosamente contra os criminosos; 75% relataram apoio à liberação do uso de armas – e, destes, 90% são homens, maioria entre 45 e 49 anos de idade e com renda média acima de dez salários mínimos. Portanto, se suporia¹³ que, em meados de 2020, na constituição de certa “identidade bolsonarista”

– construção contingente resultante da identificação não de cada um dos apoiadores de Bolsonaro, mas de alguns destes –, estariam recorrentemente implicadas demandas (até então não atendidas) de: (i) combate mais rigoroso da polícia aos criminosos; (ii) “liberação” do uso de armas; (iii) combate aos integrantes do Congresso Nacional, do STF e da imprensa (ou erradicação destas instituições); (iv) combate à corrupção; e (v) defesa de uma concepção alternativa de democracia. Isto é, sobretudo, demandas ditas “securitário-autoritárias” e, outras, “anti-institucionais”.

Mas, somente uma questão em cada um de certos assuntos veio a ser integrada ao questionário do Instituto Travessia. Neste caso, soam como inconsistentes certas conclusões mais amplas acerca dos dados de uma pesquisa a exemplo dessa, desse Instituto. Em muitos casos, a interrogação de um indivíduo sobre variados aspectos de um mesmo assunto será necessária à construção de indicadores e à consistência das suposições sobre seus posicionamentos nesse mesmo assunto. Por exemplo, a resposta de um indivíduo à sua interrogação sobre o seu estatuto de contrariedade às manifestações de apoio à democracia não será suficiente à mensuração de sua contrariedade às atitudes democráticas concebidas academicamente. Analogamente, a resposta de um indivíduo à sua interrogação sobre o estatuto de seu apoio às manifestações contra o racismo não será suficiente à mensuração de sua atitude racista (ou antirracista).

Então, embora os resultados desta sondagem ocasionem uma análise aproximativa sobre a heterogeneidade dos apoiadores de Bolsonaro e contrariem estereotípias midiaticamente construídas, serão expressivos os níveis de especulação exigidos a certas suposições sobre atitudes dos apoiadores de Bolsonaro em relação a alguns destes assuntos, a exemplo das atitudes antidemocráticas comumente atribuídas a estes. Certamente, interrogações complementares seriam necessárias à mencionada consistência.

¹³ O complexo de representações (atitudes, valores, ideais, crenças etc.) de um indivíduo, em um determinado contexto, se traduziria em demandas específicas.

Instituto Datafolha: o estatuto de “estrategicidade” do apoio a Bolsonaro

No dia 26 de junho de 2020, o Datafolha divulgou os resultados de sua então sondagem mais recente, acerca do eleitorado e, mais especificamente, dos apoiadores¹⁴ de Bolsonaro. A coleta de dados ocorreu mediante o uso de telefone, nos dias 23 e 24 de junho de 2020, em cada uma das unidades federativas do Brasil. Foram entrevistados 2016 cidadãos adultos. A margem de erro veio a ser de dois pontos percentuais. Nesse contexto: 44% relataram reprovar o governo Bolsonaro – até então, o seu índice mais alto desde o início de seu governo. Na última semana de maio, pelo mesmo instituto de pesquisa, eram 43%. De outro lado, 32% relataram aprovar o governo Bolsonaro. Em maio, eram 33%. Adicionalmente, 46% dos entrevistados relataram nunca confiar nas declarações do presidente. Na última semana de maio, pelo mesmo instituto de pesquisa, eram 44%. Mas 20% deles relataram sempre confiar nas declarações de Jair Bolsonaro. No final de maio, eram 21%. Ainda, 32% deles relataram às vezes confiar nas declarações de Bolsonaro. Em maio, eram 36%.

De modo análogo ao ocorrido com o Instituto Travessia, o Datafolha não divulgou seus microdados e, nesse sentido, não seriam consistentemente deduzíveis, mediante análise desses dados agregados, as relações entre (i) o relato de aprovação do governo Bolsonaro; e (ii) o relato de confiança integral em suas declarações. No entanto, não seria inconsistente a suposição de que a maioria daqueles os quais sempre confiam nas declarações de Bolsonaro aprova o seu governo. Assim sendo, considerada como consistente essa suposição, ainda assim existiria uma diferença de 12 pontos percentuais entre os números correspondentes aos mencionados relatos, de aprovação e de confiança integral. Desse modo, aproximadamente, 12% dos indivíduos os quais aprovaram o governo Bolsonaro não confiam sempre nele.

Possivelmente, nesse caso, alguns diferenciariam entre si “presidente” e “presidência”, de modo similar ao ocorrido em trabalho de Palermo (2000), no qual o autor entendeu essas noções como não intercambiáveis. Provavelmente, as percepções sobre medidas governamentais mais amplas ou sobre medidas ministeriais – da Economia, da Justiça etc. – mais restritas estariam relacionadas com este intervalo de 12%. Destarte, se evidenciaria que, entre os apoiadores de Bolsonaro, existiriam indivíduos os quais apoiariam o presidente [ou o seu governo] de modo estratégico, conforme a certos interesses. Esses não idealizariam expressivamente aquele e, assim, manteriam a capacidade de crítica àquele. Portanto, também nesse aspecto, se contrariaram certas estereotípias a respeito dos apoiadores de Bolsonaro.

Adicionalmente, não seria inconsistente a suposição de alterações recorrentes quanto aos indivíduos os quais integravam, em meados de 2020, os 30% do eleitorado correspondente aos apoiadores de Jair Bolsonaro naquele momento (RYDLEWSKI, 2020). Aproximadamente, o número absoluto se manteve; no entanto, a sua composição interna, não necessariamente. Pesquisas então recentes sugeriam uma transformação da sua base: de um lado, teriam ingressado eleitores de baixa renda, atraídos por benefícios tais como o auxílio emergencial (RYDLEWSKI, 2020); de outro, teriam egressado integrantes da classe média, entre eles, os chamados “lava-jatistas”, muitos deles, decepcionados com a exoneração de Sergio Moro. O egresso destes também indicaria, em alguma medida, a não idealização de Bolsonaro por alguns de seus até então apoiadores; isto é, a criticidade destes àquele.

Considerações finais

A revisão de estudos (divulgados entre 2018 e 2020) acerca de indivíduos concebidos como eleitores, potenciais eleitores, simpatizantes ou

¹⁴ O Datafolha considerou como sinônimas entre si as expressões “aprovação” e “consideração como ótimo/bom”. Analogamente, considerou como sinônimas entre si as expressões “reprovação” e “consideração como péssimo/ruim”.

apoiadores de Bolsonaro ocasionou uma análise aproximativa sobre a heterogeneidade destes últimos; isto é, uma análise mediante a qual se constataram divergências importantes entre apoiadores, ainda que não as dimensionando em alguns casos – nem se estimando os níveis de coesão de seus supostos subsetores. Desse modo, se evidenciaram as inconsistências de alguns dos estereótipos acerca desses apoiadores; sobretudo, a inconsistência da concepção do apoiador de Bolsonaro como um indivíduo no qual necessariamente se constituíram certas atitudes remetidas à extrema-direita, assim como às direitas – atitudes correspondentes a elementos reconhecidos na retórica daquele.

No 1º turno de 2018, se observou, mais amplamente, a “nuance caleidoscópica” dos eleitores de Jair Bolsonaro; e, nesse caso, de seus apoiadores. Existiram divergências entre os modos como alguns desses apoiadores acreditavam que os supostos problemas nacionais deveriam ser resolvidos, alguns deles tendendo mais abertamente à reverberação da retórica dita “de extrema-direita”; outros, não. Por exemplo, alguns dos apoiadores não demandariam o armamentismo civil. Também, certamente, os ideais supremacistas (entre os quais, aqueles correlacionados com atitudes racistas e homofóbicas) seriam repudiados por alguns deles. Além disso, se evidenciou a relatada contrariedade de certas apoiadoras de Bolsonaro a determinados aspectos da violência de gênero (mas, também, ao feminismo). E, se indicou a contrariedade de certos apoiadores à reiteração de ideais remetidos ao neoliberalismo.

Adicionalmente, se indicou o seguinte: ainda antes da vitória eleitoral de Bolsonaro, existiram apoiadores deste último os quais nem mesmo simpatizaram expressivamente com o então candidato, seus votos em Bolsonaro tendo sido estratégicos – por exemplo, condicionados pela sua atitude antissistêmica, anticorrupção ou antipetista. De outro lado, não necessariamente o simpatizante (assim como o apoiador) de Bolsonaro em 2018 demandaria uma intervenção militar (ainda que a maioria deles não condenasse esta ideia). Portanto, nem mesmo um simpatizante seria necessariamente

uma caricatura daquele. Existiam naquele momento simpatizantes (e, dessa maneira, também apoiadores) não significativamente identificados com Bolsonaro – os quais não assumiriam subjetivamente uma “identidade bolsonarista”.

Todavia, não seria inconsistente a suposição de alguma tendência dita “de extrema-direita” (ou “autoritária”) entre apoiadores de Bolsonaro, a qual seria muito mais expressiva entre simpatizantes daquele. Essa tendência estaria associada com a construção de uma “identidade bolsonarista”, intensamente norteadora do comportamento e da retórica não dos apoiadores, de modo amplo; mas, sim, de parte dos simpatizantes. Essa “identidade” consistiria em uma construção social contingente; mais especificamente, constituída mediante a identificação de alguns dos simpatizantes com Bolsonaro. Esta identificação corresponderia ao estabelecimento de cadeias de equivalência entre suas demandas não atendidas – as quais aqueles acreditaram que Bolsonaro atenderia. Estas demandas não necessariamente eram idênticas umas às outras, mas vieram a ser organizadas simbolicamente entre si, se implicando no mesmo resultado: a identificação significativa com “Bolsonaro”.

Em 2018, entre as muitas demandas implicadas em identificações coletivas com Bolsonaro – e na construção da denominada “identidade bolsonarista” –, estariam aquelas de combate: (i) ao PT; (ii) aos – supostos – privilégios de certos grupos, os quais alegadamente estariam protegidos pelo dito “politicamente correto” e pelo Estado (tais como LGBTQI+, negros, indígenas, feministas e os ditos “criminosos” e “vagabundos”); (iii) à corrupção (o termo “corrupção” sendo utilizado em sentido abrangente); (iv) ao “sistema estabelecido” (por exemplo, ao sistema político, à classe política e à imprensa). Também, demandas de defesa de valores referidos como “conservadores” e “cristãos”, remetidos aos chamados “cidadãos de bem”, e demandas de intervenção militar (a qual supostamente contribuiria à restituição daqueles valores). Não necessariamente, cada uma destas demandas constaria em cada indivíduo identificado com Bolsonaro; mas estas seriam as mais recorrentes.

Pesquisas quantitativas seriam requisitadas com o intuito da evidenciação da amplitude de demandas, atitudes, valores e ideais entre apoiadores de Bolsonaro em meio às eleições de 2018 ou no início de seu mandato. Por exemplo, os microdados oriundos das rodadas de 2018 do ESEB e do LAPOP serviriam a esse intuito. Os resultados dessas pesquisas compensariam as “restrições dimensionativas” de tipologias, tais como a construída por Kalil (2018) – embora essa tipologia seja utilizável como orientadora teórica dessas pesquisas quantitativas ainda não realizadas. Também, essas últimas contribuiriam à análise da consistência da noção de bolsonarismo, se avaliando o nível de coesão desse suposto movimento (embora aspectos a exemplo dos níveis de organização e de estabilidade também devam ser considerados neste sentido). Mais restritamente, seria relevante o conhecimento sobre a amplitude de certas demandas (tais como aquelas remetidas à extrema-direita) nesse suposto movimento.

Já em meados de 2020, existiram divergências significativas entre apoiadores, sobretudo em aspectos importantes, a respeito dos quais, muito comumente, se acreditava existir ampla convergência. Ao menos naquele momento, de acordo com os resultados de pesquisas pós-eleitorais, seria inconsistente a consideração do apoiador médio de Bolsonaro como ressoador declarado: (i) de manifestações de apoio ao golpe militar; (ii) de “ideais neoliberais” (neste caso, da intervenção do Estado na economia); (iii) do racismo (63% dos apoiadores relatando apoio às manifestações contra o racismo as quais aconteceram no mundo e somente 28% relatando não as apoiar); e (iv) da redução das áreas de reservas indígenas na Amazônia. Ademais, 33% relataram não acreditar que a religião deva orientar as ações do governo; e 35% relataram apoio às manifestações pelos direitos de minorias tais como os LGBT (enquanto 53% relataram não as apoiar). Também, de um terço à metade dos apoiadores de Bolsonaro relatou algum nível de desconfiança em relação a este último, não sendo então consistentemente concebidos como seus apoiadores acrílicos.

Mas, não seria necessariamente inconsistente a suposição de um nível expressivo de coesão, de organização e de estabilidade entre certos subsectores de apoiadores de Bolsonaro. Ao menos em meados de 2020, parte dos apoiadores daquele se inclinou ao seu apoio acrílico. Aparentemente, certos elementos “securitário-autoritários”, assim como outros, “anti-institucionais”, concordantes com a retórica de Bolsonaro, norteavam sentimentos, pensamentos e comportamentos de muitos dos seus apoiadores – embora em níveis variados e, obviamente, não de cada um deles. Por meio da análise desenvolvida neste artigo, se sustentou a suposição de que, em 2020, uma “identidade bolsonarista”, contingente, seria determinada em muitos casos pelas demandas de: (i) combate mais rigoroso da polícia aos criminosos; (ii) “liberação” do uso de armas; (iii) combate aos integrantes do Congresso Nacional, do STF e da imprensa (ou erradicação destas instituições); (iv) combate à corrupção; e (v) defesa de uma concepção alternativa de democracia. Também nesse caso, não necessariamente cada uma destas demandas constaria em cada indivíduo identificado com Bolsonaro, ainda que essas estejam entre as mais recorrentes.

Por sua vez, a suposição de existência de um “bolsonarismo raiz” (não somente em 2020, mas também em 2018) resta como inexpressivamente discutida e analisada academicamente. Certamente, com o intuito da análise da consistência desta suposição, seriam requisitadas pesquisas mais complexas, em meio às quais se evidenciassem e se dimensionassem alguns subsectores relativamente coesos de apoiadores (ou de simpatizantes) de Bolsonaro nos quais se observassem atitudes características da extrema-direita brasileira, também se estimando especificamente os seus níveis de coesão.

De outro lado, seriam importantes pesquisas qualitativas mais recentes, começadas após o início do mandato de Jair Bolsonaro, também sobre subsectores de apoiadores (ou de simpatizantes) desse último. Pesquisas tais como as de Kalil (2018) e de Solano (2018) – sobre apoiadores, potenciais

eleitores, eleitores ou simpatizantes daquele, em meio às campanhas eleitorais de 2018 –, embora não resultem em dimensionamentos, são importantes à identificação dos mencionados subsetores e evidenciam as representações sociais e os atributos (demandas, repúdios, valores, atitudes e ideais) mais comumente articulados naqueles, assim como os motivantes e as razões de seus integrantes. Particularmente, a investigação atual sobre as demandas não atendidas de certos apoiadores (ou simpatizantes) de Bolsonaro contribuiria não somente à compreensão dos elementos implicados na constituição (ou em reconfigurações) de uma dita “identidade bolsonarista”; mas, ainda, à compreensão daqueles elementos motivadores de uma “desidentificação” com Bolsonaro – tanto as já ocorridas, como aquelas com chances expressivas de ocorrência.

Referências

- ADORNO, T. L. W. *Freudian theory and the patterns of fascist propagand*. Frankfurt: Suhrkamp. 1972. (Trabalho original publicado em 1951).
- BITTENCOURT, M. C. A. A construção da figura política de Bolsonaro no El País: um exercício metodológico para análise sobre produção de sentido no jornalismo. *Galáxia* (São Paulo), n. 43, p. 168-187, abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3g2pQ4I>. Acesso em: 15 set. 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-25532020143054>
- BOLSONARO presidente: a surpreendente trajetória de político do baixo clero ao Palácio do Planalto. *BBC News*, São Paulo, 28 out. 2018a. Disponível em: <https://bbc.in/3v2nRBF>. Acesso em: 15 Set. 2020.
- BOLSONARO: “não sou da extrema-direita”. *I vídeo (2min)*. Publicado pelo canal Euronews (em português). 12 out. 2018b. Disponível em: <https://bit.ly/3ctVGVK>. Acesso em: 28 maio 2021.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. *Divulgação de resultado de eleições*. Brasília, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3x9Ct3s>. Acesso em: 01 set. 2020.
- CAMPOS, M. S. Mídia e Política: a construção da agenda nas propostas de redução da maioria penal na Câmara dos Deputados. *Opinião Pública*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 478-509, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2Sb0Nn5>. Acesso em: 28 maio 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-62762009000200008>
- CASALECCHI, G. A. *Legado democrático e atitudes democráticas na América Latina: efeitos diretos, indiretos e condicionais*. 2016. Tese (Doutorado em ciência política) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- DATAFOLHA. *Avaliação do presidente Jair Bolsonaro*. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3v28h9i>. Acesso em: 01 set. 2020.
- FAR-RIGHT Candidate Jair Bolsonaro Widens Lead in Brazil’s Presidential Race. *The New York Times*, New York, 5 Oct. 2018. Disponível em: <https://nyti.ms/3pv8XCU>. Acesso em: 01 set. 2020.
- FELÍCIO, M. D. C. Bolsonaro é autoritário e une o centro democrático. *Valor Econômico*, São Paulo, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3gca9qk>. Acesso em: 01 set. 2020.
- FREUD, S. *Psicologia de las masas y análisis del yo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986. (Obras Completas de Sigmund Freud; v. 18).
- GARCIA, G.; FALCÃO, M. Ato pró-Bolsonaro em Brasília reúne manifestantes em defesa de medidas inconstitucionais. *GI*, Brasília, 31 maio 2020. Disponível em: <https://glo.bo/2TedjSC>. Acesso em: 01 set. 2020.
- GIELOW, I. Estatizante, Bolsonaro se diz convertido ao liberalismo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 7 out. 2018. Disponível em: <https://nyti.ms/3pv8XCU>. <https://bit.ly/3zdsmvw>. Acesso em: 01 set. 2020.
- GOSMAN, E. Jair Bolsonaro: militarista, xenófobo e favorito para a eleição brasileira. *Clarín*, Buenos Aires, 7 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3cqspI6>. Acesso em: 01 set. 2020.
- IGLESIAS, S.; FAGUNDES, M. Bolsonaro lança partido ultraconservador e armamentista. *Bloomberg*, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://nyti.ms/3pv8XCU>. Acesso em: 10 maio 2020.

- KALIL, I. O. *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3gnfNX3>. Acesso em: 01 set. 2020.
- KAYSEL, A. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (org.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 49-73.
- LOWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 124, p. 652-664, dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3g4PS7C>. Acesso em: 01 set. 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.04469922017.3203004>
- MESSEMBERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Sociedade e Estado, Brasília*, v. 32, n. 3, p. 621-648, dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2TbgaM6>. Acesso em: 01 set. 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>
- MÕES, M. Além dos 300: Conheça grupos de direita que apoiam Jair Bolsonaro. *Último Segundo*, São Paulo, 20 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3w9oDy2>. Acesso em: 01 set. 2020.
- O BOLSONARISMO raiz vai sobreviver ao fim do gabinete do ódio? *Revista Fórum*, Porto Alegre, 09 jul. de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zdNUt2>. Acesso em: 01 set. 2020.
- “O BRASIL é laico, mas o presidente é cristão”, diz Bolsonaro durante evento evangélico no Rio. *O Globo*, São Paulo, 15 fev. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3pv1tzO>. Acesso em: 01 set. 2020.
- OTAVIO, C. O Brasil é laico, mas o presidente é cristão’, diz Bolsonaro durante evento evangélico no Rio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 fev. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3ghCmwd>. Acesso em: 01 set. 2020.
- PALERMO, V. Como se governa o Brasil? O debate sobre instituições políticas e gestão de governo. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 521-557, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/3cudCjg>. Acesso em: 12 jan. 2021. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582000000300004>
- PINA, R. Como surgiu o “antipetismo”, e do que ele se alimenta? *Brasil de Fato*, São Paulo, 27 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3zeOkIQ>. Acesso em: 01 set. 2020.
- PODER 360. *Grupo lança manifesto ‘democracia sim’ contra Bolsonaro*. São Paulo, 23. set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3pzaSpX>. Acesso em: 01 set. 2020.
- ROSSI, M. A misoginia do Governo Bolsonaro vai parar na Justiça. *El País*, São Paulo, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3pA5HGm>. Acesso em: 01 set. 2020
- RYDLEWSKI, C. O que pensam os bolsonaristas. *Valor Econômico*, São Paulo, 7 jun. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/3v5AADw>. Acesso em: 01 set. 2020.
- SAFATLE, V. P. Bolsonaro se vê à frente de uma revolução em marcha e não vai parar. *Carta Capital*, São Paulo, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3pCDMWb>. Acesso em: 01 set. 2020.
- SARTORI, J. E. T. *A articulação da noção de identidade na teoria psicanalítica freudiana*. 2019. Dissertação (Mestrado em filosofia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3w6mTpt>. Acesso em: 01 jan. 2021.
- SARTORI, J. E. T.; MANTOVANI, A. Teoria psicanalítica, sexo e gênero: articulações em uma perspectiva anti-essencialista. *Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina*, v. 37, n. 2, p. 181-192, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3z70hXT>. Acesso em: 01 set. 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2016v37n2p181>
- SEM LULA, Bolsonaro lidera Datafolha com 19%, seguido de Marina Silva (15%) e Ciro Gomes (11%). *O Globo*, São Paulo, 10 jun. de 2018. Disponível em: <https://glo.bo/3ggAOCF>. Acesso em: 01 set. 2020.
- SOLANO, E. Crise da democracia e extremismos de direita. *Análise Friedrich Ebert Stiftung*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 1-27, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3pFYTXS>. Acesso em: 01 set. 2020.
- SOU Homofóbico, sim, com muito orgulho’, diz Bolsonaro em vídeo. *Catraca Livre*, 11 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3zbk9cc>. Acesso em: 01 set. 2020.

SP TERÁ hoje atos pró e contra Bolsonaro, em diferentes pontos da cidade. *UOL*, São Paulo, 14 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2TNOBsB>. Acesso em: 01 set. 2020.

STARNINO, A. Sobre identidade e identificação em Psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jaques Lacan. *DoisPontos*, São Carlos, v. 13, n. 3, dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3inQRBe>. Acesso em: 01 jan. 2021. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v13i3.46901>

TATAGIBA, L.; TRINDADE, T.; TEIXEIRA, A. C. C. Protestos à direita no Brasil (2007-2015). In: CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (org.). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 197-212.

VEJA falas preconceituosas de Bolsonaro e o que diz a lei sobre injúria e racismo. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 jan. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3cnOuur>. Acesso em: 01 set. 2020.

ZANINI, F. Governo Bolsonaro é reacionário e antiquado, diz FHC. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 18 out. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3w7ukfR>. Acesso em: 01 set. 2020.

Agradecimentos

À Simone Diniz, pelas importantes sugestões.
Ao Alexandre Starnino, pela interlocução acerca da noção de identidade.

Recebido em: 16 jan. 2021

Aceito em: 9 jun. 2021